

O MITO DE ORIGEM DO GUARANÁ E DOS MAWÉS: A METAMORFOSE COMO MODELO DE CONSTITUIÇÃO DA HUMANIDADE PELO SINCRETISMO COM A NATUREZA E O DIVINO

ANDRÉ FILIPE NORONHA SILVA*

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), São Paulo, SP, Brasil.

Recebido em: 8 mar. 2019. Aprovado em: 18 jun. 2019.

Como citar este artigo: SILVA, A. F. N. O mito de origem do guaraná e dos mawés: a metamorfose como modelo de constituição da humanidade pelo sincretismo com a natureza e o divino. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 19, n. 2, p. 115-121, 2019. doi: 10.5935/cadernosletras.v19n2p115-121

Resumo

Neste artigo, mostramos que os mitos de origem apontam para as reflexões que o homem faz sobre sua própria condição. Analisamos de maneira específica um mito de origem por metamorfose dos indígenas brasileiros Sateré Mawé. Vimos que, no mito de origem, o surgimento do próprio povo ocorre por meio de um sincretismo entre entes sobrenaturais, seres naturais vegetais e animais. Vimos que o mito de origem Sateré Mawé aponta para uma visão de mundo em que tudo é composto de tudo, cuja fronteira fluida entre animal, vegetal e sobrenatural permite que se combinem e se sincretizem gerando novas criações.

* E-mail: andrefilipeaefe@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-3036-2403>

Palavras-chave

Mitos indígenas. Metamorfose. Cosmogonias.

INTRODUÇÃO

O estudo dos mitos contribui para o aprofundamento da reflexão sobre a própria condição humana. Para além da ideia de que os mitos são apenas histórias fictícias, exóticas, são, na verdade, uma profunda reflexão sobre a própria condição. Segundo Eliade (1998), o mito possui um caráter sagrado por se tratar sempre de uma narrativa em um tempo primordial que resgata a origem de determinada condição atual da humanidade. Nesse sentido, todo mito é uma narrativa de criação:

[...] o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio” [...] o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmos, ou apenas um fragmento [...]. É sempre, portanto, uma narrativa de “criação” (ELIADE, 1998, p. 11).

Por se tratar de uma história de origem, o mito revela como e por que as coisas são como são no tempo presente. Esses eventos míticos modificam a história humana e, por isso, explicam a condição atual: “O homem, *tal qual é hoje*, é o resultado direto daqueles eventos míticos, *é constituído por aqueles eventos*” (ELIADE, 1998, p. 16).

A comunidade reprodutora dos mitos crê que a essência da cultura justifica a existência atual. O mito, portanto, dá sentido à existência e mantém a cultura coesa: “O mito lhe ensina as ‘histórias’ primordiais que o constituíram existencialmente, e tudo o que se relaciona com a sua existência e com o seu próprio modo de existir no Cosmo o afeta diretamente” (ELIADE, 1998, p. 16). Por isso, compreender o significado que esses mitos revelam serve-nos como uma arqueologia das reflexões humanas sobre sua própria condição.

Um modelo peculiar de mito de origem é daqueles que ocorrem por meio da metamorfose. Ao analisar a obra *Metamorfoses*, em que o poeta romano Ovídio narra diversos desses mitos de origem por metamorfose, Santos e Atik (2011, p. 35-36) constataam que “o mito [é] como um ‘cosmo de variedade combinatória’” e que a “metamorfose [é] como uma lei do universo”.

Esse universo mítico possui uma essência em que qualquer ser pode ser combinado e transformado em outro ser novo por meio de uma transformação, a metamorfose. Para Santos e Atik (2011, p. 33),

Metamorfose é uma transformação natural de um ser como resultado tanto de uma intervenção exterior, quanto de uma mutação interna provocada por grande sofrimento. A metamorfose torna-se, portanto, o melhor meio de explicar e justificar, poeticamente, a inter-relação do mundo humano tanto com o mundo da natureza quanto com o mundo divino.

Assim, nesse universo mítico, a metamorfose é a explicação mítico-poética de uma relação simbiótica entre a humanidade, a natureza e o divino. Quando se dá a metamorfose, o ser transformado permanece e contribui com sua essência na constituição do outro ser transformado – humano, natural ou divino – dando-se o sincretismo entre eles: “A metamorfose se apresenta [...] como uma espécie de continuidade, pois aquele que é transformado em animal, em planta, em pedra, não morre apenas, mas permanece, de alguma forma, em uma alteridade” (SANTOS; ATIK, 2011, p. 32).

Temos, assim, um universo mítico em que as fronteiras entre o animal, o humano e o divino são fluidas, e em que a essência dos seres se interpenetra, se transforma e se recria:

O fenômeno que transforma o ser em outro, a metamorfose, estabelece uma linha contínua entre todos os seres, uma vez que o ser transformado, principalmente o humano, em uma *mutata forma* preserva, imutável, a *mens* que permanece (SANTOS, 2008, p. 137).

Suspeitamos que os mitos de origem da humanidade por meio da metamorfose geram uma cultura e trazem uma essência para a humanidade bastante distinta de outros mitos em que homem e mulher são criados de forma intencional e por composição por um ou mais demiurgos, como as narrativas de origem judaico-cristãs e as greco-romanas.

Pretendemos a seguir aplicar essas definições de metamorfose na narrativa dos Sateré Mawés de origem comum do guaraná e da humanidade, e mostrar essa fluidez de espécie evidenciada nos mitos.

Os Sateré Mawés vivem em sua maioria na região do Médio Amazonas, na Terra Indígena Andirá-Marau, entre o Amazonas e o Pará. Embora ainda guardem suas tradições, o primeiro contato com os brancos remonta ao século

XVII, com os jesuítas. Os mawés falam a própria língua e são eles os inventores da cultura do guaraná. Por sinal, encontram no fruto do guaraná a própria autoimagem, oriundo de seu mito de origem.

A cosmogonia dos Sateré Mawés está mitografada por um próprio mawé, Yaguarê Yamã (2007), em *Sehaypóri: o livro sagrado do povo Saterê-Mawé*, publicado pela Editora Peirópolis. Dentre muitas narrativas de criação, Yaguarê conta a história de um ente sobrenatural feminino da floresta chamada Anhyã-muasawyp, que estava exilada de seu jardim, o Nusóken, por seus dois irmãos, por ter gerado seu filho Karahuê de uma cobrinha-macho.

Uma vez, para provar da castanha que havia apenas no Nusóken, o filho de Anhyã-muasawyp entrou escondido no jardim e foi direto para a castanheira. Lá, porém, estava a cotia, que recebera ordens de matar o garoto caso ele aparecesse. Quando a cotia o viu, obedeceu às ordens e matou o garoto, decapitando-o.

Quando Anhyã-muasawyp encontrou o filho, chorou alto, dizendo:

Está bem meu filho, foram seus tios que o mandaram matar. Mas se eles pensam que, matando, irão acabar com sua existência, estão muito enganados; irão ver que a sua morte se transformará em bênção e pelo seu destino, um fraco não hás de ficar (YAMÃ, 2007, p. 55).

A mãe voou com o corpo do filho para a região do rio Marau. Lá, arrancou o olho esquerdo do garoto e o plantou em terras amarelas, onde nasceu o waraná-hop, o falso guaraná, chamado também de caferana. Depois, arrancou o olho direito e o plantou em terras pretas, no oeste do Nusóken, e desse olho nasceu a planta do guaraná, chamado de waraná-sesé.

Depois disso, a mãe fez magia no corpo do filho antes de o sepultar. Por isso, da sepultura do filho saíram muitos animais, que se espalharam na floresta. Finalmente, saiu da sepultura o primeiro homem, renascido de Karahuê, chamado Mary-Aypók, que significa “homem verdadeiro”. Depois saiu outro menino, o wasary-pót. O primeiro casou-se com um papagaio, e o segundo, com uma ararapiranga. Desses casamentos surgiram os mawés.

Percebe-se, por meio desse enxuto resumo da narrativa da criação contada por Yamã (2007), que a humanidade e os mawés possuem uma origem comum com o guaraná (um fruto), com vários animais e com entes sobrenaturais, oriundos do corpo de Karahuê.

Percebe-se que a origem do fruto do guaraná oriundo dos olhos do ente sobrenatural possui uma relação clara de semelhança, já que o fruto do gua-

raná se assemelha muito ao globo ocular. Assim, ao ser transformado, o olho de Karahúê compartilha sua forma, seu corpo. Conforme Santos e Atik (2011, p. 41):

Para que ocorra uma transformação metamórfica deve haver entre os seres um vínculo de proximidade, ou seja, é a chamada lei do íntimo parentesco entre as coisas e seres existentes no mundo que permite acontecerem maravilhosas transformações sem que pareçam inverossímeis.

Assim, o fruto do guaraná tem semelhanças com o globo ocular, pois dele é originário. O “corpo” do olho foi sincretizado à essência do novo fruto.

Porém, além dessa semelhança física entre o fruto e o olho, vemos que, nas histórias míticas dos mawés, na genealogia de origem da humanidade, a fronteira entre espécies é bastante fluida. Um ente sobrenatural feminino engravida de um animal macho, que gera outro ente sobrenatural macho. Desse corpo, surge uma planta, diversos animais e o próprio homem. Esse homem cruza com outros animais, gerando, enfim, o povo mawé.

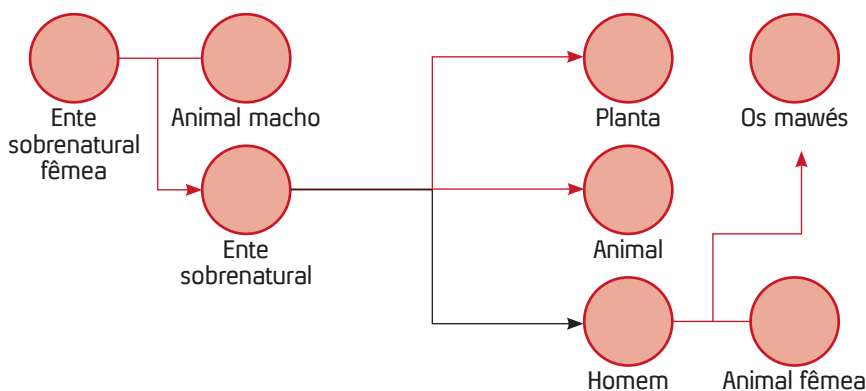


Figura 1 – Genealogia mítica dos mawés.

Fonte: Elaborada pelo autor.

Vemos que, na cosmologia mítica dos mawés, as fronteiras entre o divino, o animal, o vegetal e o humano são mínimas e se interpenetram, de tal modo que a identidade humana se dilui nesses outros seres. Todos são compostos de todos. Todos possuem um ancestral comum. Não há uma diferença radical, essencial e, portanto, existencial entre a humanidade, o animal, o vegetal e o sobrenatural, afinal, “a transformação só é exequível porque há algo em

comum entre o ser e o objeto, animal ou planta em que um ser será transformado” (SANTOS, 2008, p. 142).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que os mitos de origem da humanidade apontam para as reflexões dos povos primitivos sobre sua própria condição e que os mitos de transformação apresentam um universo mítico no qual o mundo sobrenatural, a humanidade e o mundo natural se sincretizam e podem ser transformados, compondo e originando novos seres.

No mito de origem do guaraná dos mawés, vimos que a aparência física do globo ocular do ente sobrenatural, o “corpo” do olho, permanece na essência do fruto que surge a partir dele, o guaraná. Vimos ainda que, do sincretismo entre um ser sobrenatural feminino e um animal, surge um ser sobrenatural masculino, de cujo corpo surgem espécies vegetais e animais por meio da intervenção mágica, e o próprio homem, finalmente.

Assim, no universo mítico dos mawés há uma variedade combinatória em que se entrecruzam seres sobrenaturais e naturais, e as fronteiras entre animal, vegetal e humano são bastante fluidas, possibilitando a metamorfose.

The Guaraná and Mawés origin myth: metamorphosis as a model for constitution of humanity by sincretism with nature and the divine

Abstract

In this article, we show that the myths of origin point to the reflections that man makes about his own condition. We analyzed in a specific way a myth of origin by metamorphosis of the Brazilian natives Sateré Mawé. We have seen that, in the myth of origin, the emergence of the people themselves occurs through a syncretism between supernatural beings, natural plant and animal beings. We have seen that the Sateré Mawé myth of origin points to a world view in which everything is composed of everything, whose fluid border between animal, vegetable and supernatural allows them to combine and to be syncretized generating new creations.

Keywords

Indigenous myths. Metamorphosis. Cosmogonies.

REFERÊNCIAS

ELIADE, M. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

SANTOS, E. P. dos. *Mens manet*: identidade e “outridade” nas *Metamorfoses* de Ovídio. *Classica*, v. 21, n. 1, p. 135-156, 2008.

SANTOS, E. P. dos; ATIK, M. L. G. *Metamorfose e Metaformose*: uma leitura mítico-dialógica do mito do Narciso em Ovídio e em Leminski. *Todas as Musas*, ano 3, n. 1, p. 1275-1277, jul./dez. 2011.

YAMÃ, Y. *Sehayóri*: o livro sagrado do povo Saterê-Mawé. São Paulo: Peirópolis, 2007.